

*Achegas para a historiografia aveirense*

*“A Mina”*

José Figueiredo da Silva



Ao que escrevo adiante falta uma segura base científica, que por escassez de conhecimentos não estou habilitado a dar-lhe. Pretendo somente anotar algumas ideias que tenho acerca desta curiosidade que me tem intrigado bastante.

Sobre a Mina, quase todas as pessoas desta cidade já ouviram falar, dizendo coisas mais ou menos inverosímeis, a que com certeza não deram a menor importância.

Certamente que tudo isto que se diz será bastante duvidoso, mas de qualquer modo, pode sempre perguntar-se que factos reais terão dado origem às lendas que falam da Mina, a qual tem vestígios espalhados por toda a cidade, alguns de bastante importância, e que, mesmo para as pessoas que melhor conhecem a História de Aveiro, não estão muito bem explicados.

Tendo como base a história de Aveiro e essas ruínas que se encontram aqui e ali, procurei aferir da veracidade de tradições acerca da Mina.

É sobre elas que vou agora fixar a atenção para depois poder passar à análise das ruínas.

*“Há muitos anos, talvez antes do dilúvio, os mouros que então por aqui demandavam, construíram essa galeria subterrânea, que servia de esconderijo e base de apoio às suas*

actividades”.

*“Era uma galeria enorme, com várias salas, umas inundadas, outras com uma atmosfera rarefeita, - falta de ar – diziam os corajosos que lá chegavam e imediatamente voltavam para trás. Uma destas salas tinha bancos e uma mesa, tudo de pedra; lá estava também um cozinheiro.”*

Ligada a esta ideia de que a Mina seria obra de Mouros e de que era encantada, surge a de ser local de passagem e encontro que ligava vários conventos.



*“Das Agrads do Norte ia até às Barrocas, tendo uma saída através de uma escadaria que levava à sacristia da capela que aí existe, onde ainda hoje se vê a saída, não se podendo descer porque está selada. Das Barrocas seguia na direcção do antigo convento das franciscanas de Sá, actual quartel de Sá, onde ainda há pouco tempo, quando faziam manobras com um veículo pesado, o terreno abateu e, quando foram investigar as causas descobriram os restos da Mina.”*

*“Daqui partia em direcção ao meio da rua do Eng. Oudinot, onde foi vista quando rompiam a dita rua, e passando talvez pelo convento dos carmelitas, ia ligar com o Mosteiro de Jesus, do outro lado da cidade.”*

Menos conhecida, mas convergindo com a ideia de ter sido a Mina, local de abrigo de um grupo de indivíduos, que aí desenvolviam alguma estranha actividade, temos a lenda que se segue, contada por uma senhora, culta, com cerca de sessenta anos:

*“Uma tia de uma trisavó (há portanto mais de 150 anos), que era parteira, foi certa noite convidada para assistir a um nascimento.*

*«Quem a convidou trazia consigo um meio de transporte, no qual a parteira se acomodou para a viagem, que teve o seu quê de estranho: foi longa e com um percurso sinuoso, o que não permitiu à parteira identificar o local em que se encontrava a que estava prestes a dar à luz.*

*«Bem, o parto parece ter corrido normalmente, e no fim, acabado o trabalho da parteira, e antes de a conduzirem pelo mesmo percurso a sua casa, aconteceu algo de realmente estranho. A parteira foi recompensada pelo seu trabalho com um tijolo, mas com a indicação de que era um tijolo especial pois que dentro dele se encontrava uma moeda de ouro. Isto foi verificado pela parteira mais tarde em sua casa, onde, também depois de acalmada a excitação e meditando sobre o sucedido, achou ser o local onde tinha ido, a Mina.»*



Estas histórias tomam mais ênfase, à primeira vista, com a correspondência que parecem ter, no terreno, com restos de antigas construções.

Passarei agora à descrição destas ruínas, na maior parte galerias subterrâneas.

As ruínas mais importantes, e que melhor conheço, estão situadas nas Agrads do Norte, no lugar vulgarmente chamado “Mina” longe, portanto do núcleo populacional de Aveiro. Uma vez no local, salta-nos à vista uma /achada com cerca de 5 metros por 6 de largura. À sua frente vemos um tanque a todo o comprimento, com 4 metros de largura.

Sobre este tanque abre-se, na fachada, uma galeria em forma de U Invertido. Examinando melhor o local vemos que, a cerca de 40 metros, para Norte, existem as ruínas de outro tanque do mesmo género que o anterior e, num muro, nota-se a abertura de outra galeria, agora tapada por adobes e munida de um cano por onde se escoa água de que as pessoas do local se

abastecem.

Voltando à fachada, podemos aí notar: o local onde teria existido um brasão; o nicho de um santo, do qual lá se encontram os pés descalços, tendo o resto desaparecido. Por baixo da galeria existe uma bica de calcário trabalhado em cara, ao gosto barroco: esta fachada era decorada com desenhos, feitos de conchas incrustadas no reboco. O tanque é ladeado por um estreito passeio (meio metro de largura).

Estilisticamente o conjunto é barroco, muito semelhante à antiga fonte da Margarida, que existiu na quinta de Arnelas. Tal como esta última, penso que seria propriedade privada, fazendo parte de algum jardim, nos quais o gosto barroco fazia aparecer os fontenários decorativos.

É sobre a que alimenta esta fonte que fala a lenda, dizendo que iria até às Barrocas, podendo-se mesmo sair nesta capela através de uma escadaria: neste percurso existiriam várias salas.

Intrigado com tudo isto, decidi-me, com a ajuda de um colega meu, a fazer alguma luz sobre o assunto.

Começámos a nossa exploração entrando pela abertura da fachada: os primeiros 15 metros passámos sem grande dificuldade, continuando o tecto sempre à mesma altura: a partir daí, a abertura tornou-se muito menos penetrável por estar alagada nuns pontos e noutros, devido ao abatimento do terreno, por ser muito apertado; mesmo assim, lá conseguimos sair no corte que a galeria sofreu, na década de 1930 aquando do rompimento da linha de caminho de ferro de via estreita, que ia ao canal de S. Roque.

Da bica até este ponto percorremos cerca de 30 metros, sem nada termos notado de especial. Continua a galeria do outro lado da linha, correndo praticamente paralela a esta, e mantendo as mesmas características cerca de vinte metros. Começa então a diminuir de altura, progressivamente, não por abaixamento do tecto, mas por subida do nível do chão, até que este último toca o tecto cerca de 10 metros mais adiante.

No dia seguinte, segundo os nossos planos, lá estávamos nós dispostos ao trabalho de retirar a terra que estorvava a nossa passagem.

Depois de uma tentativa frustrada, vimos que a melhor maneira de continuarmos o nosso trabalho seria fazer um corte, na ribanceira da linha, no sítio que pensávamos ter alcançado por dentro.

Ao fim de quatro tardes de trabalho, e depois de termos cavado para dentro cerca de 2 metros, lá conseguimos ver o tecto da mina.

Ansiosamente escavámos em profundidade e, para nossa surpresa, vemos que a mina acabava ali, não ficando disso qualquer dúvida porque tinha o topo tapado até à altura do Início da abóboda; a terra, que nós por dentro procurámos tirar, tinha entrado pelo espaço que não era tapado pelo muro terminal.

Pudemos então concluir:

- A mina das Agradas do Norte é uma galeria com cerca de 60 metros de comprimento, 1,3 de altura, e 0,6 m. de largura, constituída por dois muros de pedras seguras com argamassa e por uma abóbada assente sobre estes, feita de tijolos maciços de 10 centímetros de largura por 20 cm. de comprimento e 2 cm. de espessura.

- Serve para prospecção de água que alimentava a fonte que ali existe.

- O estilo da fonte aponta para a possibilidade de ter sido construída no séc. XVIII.

Justificando a sua existência naquele local, põe-se a seguinte hipótese:

- Seria propriedade privada, fazendo parte de alguma quinta. A suposta existência de uma quinta, ou qualquer outra propriedade ou construção de certa importância, é confirmada tanto

no mapa do fim do séc. XVIII, de um anónimo espanhol, como na planta do plano director da cidade, que foca Aveiro nos séculos XVIII e XIX; em ambos os mapas se nota o traçado de um caminho dirigindo-se para aquele local.

Esclarecido que aquela mina não passava dali, procurei em seguida saber porque diria a lenda que a mina tinha uma saída nas Barrocas, precisando, mesmo, que esta saída se vê na sacristia da capela do mesmo nome, não se podendo entrar por a mesma estar selada.

Com este objectivo fomos um domingo à capela, onde encontrámos na sacristia, atrás da parede em que está o lavabo, um suporte de um reservatório de água, que, pelo seu aspecto, faz lembrar a mina: é constituído por dois muros, encimados por uma ogiva feita de tijolos semelhantes aos da mina. O conjunto tem cerca de 1 metro de comprimento por 0,9 m. de altura por 0,6 m. de largura: o interior, por não estar ladrilhado, dá aspecto de ser uma entrada da mina. Para nos certificarmos de que tal não acontecia, tirámos o entulho que lá se encontrava até atingirmos terra intacta, cerca de meio metro abaixo.

Nunca teria portanto existido ali nenhuma entrada para a Mina. Teriam sim, deixado por ladrilhar o Interior do suporte para poderem vaziar a água utilizada no lavabo da sacristia, e que provinha do reservatório que se encontra sobre o dito suporte.

Esclarecidos de que não existia entrada para a Mina nas Barrocas, voltámos a nossa atenção para os vestígios da Rua do Dr. Alberto Souto.

Estão situados num terreno por construir desta rua, e consistem numa galeria com pouco mais de 5 metros de comprimento por 0,9 m. de altura, que corre à superfície do terreno, mostrando uma abertura tapada por duas lajes de granito: o fundo é plano e empedrado, vendo-se num lado a abertura de uma pequena conduta com cerca de 20 centímetros de secção. Uma particularidade interessante é a de os tijolos com que é feita a abóbada estarem partidos pelo comprimento, dando sinais de já terem sido utilizados assim. Isto leva-nos a pensar na hipótese de terem sido tirados de outra construção mais antiga.

As outras características apontam para a possibilidade de esta construção ter sido utilizada na condução de água ou de esgotos.

Além das minas a que me referi existem na cidade outras que não pude observar: é o que acontece com a da Rua do Eng.º Oudinot e com a que passa debaixo da estátua do Dr. Alberto Souto, por trás do Museu.

Depois de tudo isto, fica-nos a hipótese de pensar que a verdadeira «Mina» fosse qualquer outra construção, há muito desaparecida, e da qual ficou a memória, sem correspondência com os vestígios que se encontram aqui e ali, que seriam muito simplesmente obras hidráulicas de outros tempos. (não excluindo, é claro, a hipótese de episodicamente alguma destas construções ter servido de esconderijo a alguém, por exemplo os jesuítas, quando das perseguições do Marquês de Pombal).

De qualquer modo, estas lendas tiveram sobre mim efeitos positivos, porque, até à altura em que me comecei a interessar por elas, desconhecia completamente a história de Aveiro, na qual começo agora a dar os primeiros passos.

JOSÉ FIGUEIREDO DA SILVA